

Aprendendo através de uma experiência que não foi como o que se esperava.

Laila Cristina Cezar Rezende (UFRJ / FE)

Eixo Temático: A idéia parecia boa, mas não deu muito certo. Da próxima vez...

Resumo

Este trabalho trata de uma experiência de estágio em uma turma de educação especial que pertence a uma Escola Municipal do Rio de Janeiro, localizada na Zona Sul da cidade, que não foi exatamente como o que imaginava. Sentia vontade de trabalhar com alunos com necessidades especiais. Apesar de não ter nenhuma prática pensei poder aprender enquanto atuava junto à turma. Infelizmente não foi exatamente como o esperado. “A idéia parecia boa, mas não deu muito certo”.

1 - Introdução

O presente trabalho trata de um estágio feito em uma Escola Municipal localizada na Zona Sul do Estado do Rio de Janeiro. Nesta escola realizei o meu primeiro estágio obrigatório da disciplina de Prática de Ensino em Séries Iniciais do Ensino Fundamental contida na grade curricular do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Farei um breve relato sobre a experiência que tive com o meu primeiro estágio, que foi realizado em uma classe de educação especial (Classe de Retardo Mental), na qual fiquei muito empolgada a princípio, ainda que não soubesse como trabalhar com alunos com necessidades especiais, mas pouco a pouco, esta empolgação transformou-se em um grande desânimo.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi a observação participante durante as aulas, conversas informais com a professora regente da turma e com a coordenadora da escola e anotações em um diário de campo. Não foi possível utilizar máquinas fotográficas, filmadoras e gravadores.

Uma pequena descrição de cada aluno da Classe de Retardo Mental (RM), e suas diferentes deficiências, foi feita para que se possa conhecer melhor o perfil da turma. Esta classe atende alunos de 10 a 17 anos. Não existe uma seriação para essa turma já que cada um encontra-se em um nível diferente de aprendizagem.

Todos os alunos terão nome fictício neste trabalho para conservar a identidade e para que não haja problemas, já que são menores de idade.

Infelizmente, não tive acesso ao laudo dos alunos observados, mas pude obter informações com a professora regente da turma e também com a coordenadora da escola, que têm arquivada uma pasta para cada aluno, onde consta o problema de cada um e relatórios que avaliam seus processos de aprendizagem.

2 – Descrição dos alunos

Durante os dias em que estive observando a turma, perguntei à professora regente qual era o caso de cada aluno que estava naquela classe. Ela me falou sobre todos, mas alguns ela não tinha muita certeza, então, perguntava à coordenadora, já que não tive acesso ao laudo de cada um. Nem todos os alunos têm a doença definida na escola. Alguns apenas têm a descrição do nascimento, porém não se sabe ao certo o que determinado aluno tem.

Abaixo segue a descrição de cada aluno:

Carine: nasceu em 1997. Tem Síndrome de Down, mas não apresenta estereotipia.

Cátia: nasceu em 1997. É hiper-ativa e tem convulsões. A princípio se interessa pelas atividades propostas, mas logo perde a concentração. Solicita uma atividade atrás da outra. É muito ansiosa e quer atenção exclusiva e permanente. Gosta de dar ordens aos colegas e à professora. Quando contrariada, reage com birra e pirraça. Pelo fato de ser hiper-ativa, dá a impressão que é mais esperta que os outros, mas sua hiperatividade afeta uma parte do cérebro e isso faz com que não consiga ter um processo de aprendizagem como as outras crianças das turmas regulares.

Daniilo: nasceu em 1994. Tem dificuldades de fala e dificuldades motoras. Demonstra interesse em realizar atividades pedagógicas que envolvam a escrita, o desenho, mas necessita ajuda.

Fábio: nasceu em 1995. Apresenta dificuldades de fala e motoras. Tem interesse nas atividades propostas e consegue manter-se concentrado.

Helen: nasceu em 1992. Quase não fala.

Joana: nasceu em 1991. Precisa de estímulo constantemente, do contrário, não participa das atividades.

Karlos: nasceu em 1997. Tem Síndrome de Down. A timidez às vezes atrapalha o seu desempenho.

Roberto: nasceu em 1995. Tem Síndrome de Down e teve anóxia ao nascer. Não se relaciona com os colegas e praticamente não fala. Não demonstra interesse em realizar as atividades propostas. Gosta de ficar no chão (seja sentado, deitado, de cócoras...). Não obedece a ninguém, exceto à professora regente, à professora de Educação Física e à coordenadora.

Thalita: nasceu em 1995. Ao nascer a mãe percebeu que a testa da filha estava amassada, mas o médico disse que não era nada. Hoje, ela tem grande interesse pelas atividades propostas em sala de aula, compreende histórias e dá respostas lógicas e coerentes. Apresenta um pouco de dificuldades quanto à motricidade fina.

3 – Inclusão X Integração

Nesta escola, na qual fiz estágio, notei que não há inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais, mas sim, integração, pois, quando há inclusão, a escola é quem acolhe os alunos, modificando o que for preciso tanto em sua estrutura, quanto nas formas de ensino. Já na integração, o aluno é quem tem que se adaptar às exigências da escola.

Segundo Santos, “em termos etimológicos ‘inclusão’ (...) significa confiar, encerrar, colocar dentro, ou até mesmo bloquear, ao passo que a origem da palavra ‘integração’ (...) significa renovar, tornar inteiro” (2002, p. 108).

A escola tem vários alunos com dificuldades motoras para escrever e andar, principalmente, mas não tem rampas para facilitar o acesso às salas de aula, apenas escadas.

Os alunos da classe especial não se relacionam com os alunos das classes regulares, ainda que o recreio seja realizado no mesmo horário e que façamos atividades juntando as turmas.

A professora regente da Classe Especial de Retardo Mental parecia não se importar muito com os alunos, e ensiná-los os conteúdos básicos. Apenas dois alunos de uma turma de nove, sabem escrever seus nomes, e ainda assim, não escrevem corretamente, pois trocam a ordem de algumas letras, e não escrevem outras.

Certa vez, a professora me disse que alguns alunos quando têm convulsão, perdem o conhecimento que foi adquirido recentemente, e precisam retornar novamente

ao mesmo ponto. Talvez por este motivo, ela não se preocupe em ensinar novos conteúdos às crianças, ou pelo menos, ensiná-las a ler e escrever.

Segundo Ferreira e Guimarães (2003, p. 42), “o professor necessita olhar o aluno com olhos de que este tem capacidade de absorver conhecimentos, de aprender, acreditando, sendo predador de que a criança é capaz”. Infelizmente, não foi isso que constatei durante o estágio, mas sim que, pelo fato de terem dificuldades, chega-se à conclusão precipitada de que os alunos não conseguirão reter conhecimento, e por isso, não será preciso investir tempo tentando ensiná-los. Sendo assim, as aulas foram resumidas a histórias e desenhos.

Um caso em especial me chamou a atenção: um aluno - que neste trabalho será identificado como Roberto -, não participava dessas atividades. Quando pedíamos para desenhar, ficava brincando de soprar a folha e quando contávamos histórias, ele não prestava atenção e incomodava os colegas. Em vários dias de observação, ele machucou não só os amigos como também a professora. Como ele tem dois irmãos que “brincam” de bater nele, então, o aluno faz o mesmo com os colegas na escola. Além disso, o pai quando sai para passear com os filhos, não leva o Roberto, alegando que não há espaço para ele no carro.

Podemos notar que este aluno está sendo excluído não somente das atividades propostas na escola (pois, pelo fato de não participar das atividades propostas, a professora o deixa quieto em seu lugar, sem incentivá-lo a participar das atividades com os demais colegas), como também do meio de sua própria família, quando seu pai não o leva para passear junto com os irmãos.

Presenciar determinadas situações como as citadas acima, onde os alunos não são tratados como pessoas que merecem educação e respeito como qualquer outra, começaram a me desanimar. Procurei uma solução para ver aqueles alunos trabalhando com atividades significativas: pedi autorização à professora regente para levar exercícios de coordenação motora, exercícios que trabalhavam com conceitos de quantidade e cores. Ela aceitou. Levei cerca de cinquenta exercícios diferentes, e nenhum deles foi utilizado.

A cada dia me entristecia mais ao ver que aqueles alunos iam para a escola e não aprendiam nada. Alguns sequer conheciam as cores, pois a professora regente não fazia um trabalho contínuo com eles.

Rubem Alves que, quando escreveu *Carta aos pais*, disse que a melhor coisa a fazer é mudarmos a maneira de pensar, pois, caso contrário, quem acabará colhendo os frutos amargos somos nós, já que o tempo se encarrega de tornar as pessoas deficientes.

Não é porque determinada pessoa tem algum tipo de deficiência que ela não poderá ser eficiente. Muitos deficientes são inteligentes; se duvidar, são mais inteligentes que nós mesmos, que muitas vezes achamos que somos os únicos capazes de realizar tal tarefa.

4 – Considerações finais

Após três meses de observação da Classe de Retardo Mental (RM), notei uma grande diferença entre a forma que olhava para as crianças que apresentavam qualquer tipo de deficiência e a forma como olho para elas agora. Antes, não sabia como falar com elas, como tratá-las, e talvez, até houvesse algum tipo de preconceito da minha parte, mesmo que inconsciente. Hoje, aprendi a conviver com crianças que apresentam os mais variados tipos de deficiências; aprendi a respeitá-las, amá-las, e ser mais paciente.

Cada uma dessas crianças se tornou mais humana para mim, inclusive porque creio que “a educação processa-se e acontece no contato entre seres humanos, de maneira que as potencialidades, facilidades e dificuldades de cada um moldam a extensão e o grau de desenvolvimento psicossocial” (Ferreira e Guimarães, 2003, p. 42).

Ao aceitar o pedido da coordenadora da escola para estagiar em uma turma especial, pensei que teria uma experiência única, que aprenderia muitas formas de lidar com aquele perfil de aluno, mas o que vi foi uma professora que também não tinha experiência para trabalhar com eles, e devido a isso, talvez, os deixassem sem fazer atividades que fossem realmente significativas.

É claro que este estágio não foi de todo ruim. Eu pude aprender muito como aquelas crianças, assim como tenho certeza que eles também aprenderam algumas coisas comigo durante esse período de estágio. Esforcei-me para que eles aprendessem algo: seus nomes, as cores, contar...

A idéia parecia boa, mas não deu muito certo; não foi como eu imaginava, mas creio que isso foi apenas um incentivo para que começasse a buscar mais informações sobre educação especial e inclusiva através de palestras, cursos, seminários, etc. Da

próxima vez que tenha a oportunidade de trabalhar com um grupo de alunos que apresente algum tipo de necessidade especial, terei mais conhecimento sobre o assunto, e farei o máximo para que meus alunos possam absorver o máximo de conhecimento que lhes seja possível.

Hoje, tenho mais contato com professores que trabalham com educação especial e/ou inclusiva, e estou aprendendo diversas abordagens de trabalhos que podem ser usados com alunos com necessidades educacionais especiais, dentre elas, a comunicação alternativa ampliada, que será o tema da minha monografia.

Referências

ALVES, Ruben. **E aí?** – Carta aos adolescentes e aos seus pais. Editora Papirus. Campinas.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo; GUIMARÃES, Marly. **Igualdade x diferença; igualdade x desigualdade; queremos ser todos iguais ou queremos ser todos diferentes.** In: **Educação Inclusiva.** Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

SANTOS, Mônica Pereira dos. **Educação Inclusiva: Redefinindo a Educação Especial.** Revista Ponto de Vista, Florianópolis, v.1, n. 3/4 p. 103-118, 2002.